

Livro de artista: potencial didático e metodológico como tecnologia assistiva

Souza, Maria Aparecida de*¹; Borges, Douglas Andrade²

1 – Departamento de Ciências Humanas e Letras, DCHL -UESB, maria.aparecida@uesb.edu.br

2 – Núcleo de Ações Inclusivas para Pessoas com Deficiências NAIPD -UESB, douglas.borges@uesb.edu.br

* - Correspondência: Rua José Moreira Sobrinho ,s/n, Bairro Jequiezinho, Cidade -Jequié, BA, Brasil, 45205-490

DOI 10.52050/9788579177132-36

RESUMO

O ensino de teatro para pessoas com deficiência ganha um complemento didático com o livro de artista. Abrangências conceituais que elucidam as tecnologias assistivas somadas à sensibilização quanto ao público-alvo; análise de experiências e laboratório prático de criação e planejamento temático atestam essa afirmação. Os livros de artista demonstraram ter uma flexibilidade de aplicação; estimulação sensorial e cognitiva e potencial didático. Ainda que a experimentação e o próprio nome deste instrumento se concentrem na área das artes sua aplicação é vasta, podendo iniciar, desenvolver ou concluir processos de adaptação de aprendizagem quando se trata da educação inclusiva.

Palavras-chave: livro de artista, metodologia, tecnologia assistiva.

ABSTRACT

The teaching of theater to people with disabilities gains a didactic complement through the artist's book. Conceptual scopes that elucidate assistive technologies, combined with awareness regarding the target audience; analysis of experiences and a practical laboratory of creation and thematic planning support this statement. Artist's books have demonstrated flexibility in application, sensory and cognitive stimulation, and didactic potential. Although experimentation and the very name of this tool are rooted in the arts, its application is broad, capable of initiating, developing, or concluding learning adaptation processes in the context of inclusive education.

Keywords: artist's book, methodology, assistive technology

1. INTRODUÇÃO

O teor deste relato técnico apresenta um procedimento em sala de aula que foi aplicado em caráter investigativo a partir de uma experiência com alunos de Licenciatura em Teatro em uma disciplina optativa na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no ano de 2024. O ensino de teatro, numa perspectiva generalizada nos espaços escolares, apresenta uma relação direta com a participação dos alunos em peças de teatro, considerando sempre o que cada um consegue assimilar. Porém situações que trazem conteúdos de natureza predominantemente conceitual ou teórica (didática; história; estética; dramaturgia..) ou técnicas (maquiagem, figurino, teatro de formas animadas...) podem recorrer a meios multidisciplinares e metodologias diversas (mapas mentais, seminários, diário de bordo e outros) para envolver aspectos cognitivos e sensíveis de alunos de modo operacional. Essa diversidade também é aceita em procedimentos avaliativos que permitem a leitura individual pelo envolvimento, assimilação e apropriação dos assuntos.

O *livro de artista* – objeto de interesse das Artes Visuais – tem referências remotas como “os antigos cilindros de papiros romanos, as iluminuras medievais, até os livretos dos futuristas russos” (Britto, p.133) caracterizado pela particularidade e até exclusividade de produção ou registro de conteúdos. Pode ser vista como uma obra de arte em formato de livro ou ainda uma obra/produto inédito que se dá à leitura em um formato original. Essa peculiaridade gerou o interesse que motivou a sugestão deste instrumento em uma experimentação pedagógica na disciplina Teatro e Inclusão.

Na intenção de refletir e ampliar sobre os recursos metodológicos e propor uma ação que é lúdica e envolve várias habilidades, o uso do *livro de artista* como instrumento didático sugere uma gama de possibilidades como tecnologia assistiva. Consecutivamente, ele ultrapassa a experiência mediada pelo docente, pois envolve pesquisa e apropriação para além da exclusiva centralidade da sala de aula. Seu caráter artístico, tanto de maneira teórica quanto prática, se distingue pelo fato de incluir formatos seletos (papel, tecido, folhas, caixas...), linguagem híbrida (poemas, desenhos, jogos...) e estímulos multissensoriais (áudio; visual; tátil...).

Trata-se portanto de motivação para projetos pedagógicos que podem ser produzidos individualmente ou em grupo, pensados para a educação inclusiva cuja a construção e instrumentalização pode conter materiais, muitas das vezes, de baixo custo.

De difícil conceituação e presente em meio a uma vasta categorização que envolve entendimentos aproximados aos livro de arte; livro objeto e livro obra (Silveira, 2008) o *livro de artista* aqui será considerado como suporte de uma

ideia que pode ser sintetizada. Similar a uma coleção de folhas associadas a fotos ou desenhos de suas árvores ou uma caixa com frascos de perfumes e relato das sensações do que as pessoas sentem ao cheirá- los:

Existe uma história do livro de artista ainda sendo escrita, tanto brasileiro, como mundial. Mas essa história não se define quanto ao seu começo, porque não se define quanto ao conceito do que o seu objeto é exatamente. Enquanto isso, trabalhos mais ou menos escultóricos, emocionais, entram na festa sem serem convidados e exigem atenção. (Silveira, 2008, p. 68)

Ao ser sugerido como tecnologia assistiva está se pensando a potencialidade de leituras e escritas não verbais, diversas na materialidade, traduzindo uma opção de metodologia ativa. Neste relato em que os discentes são professores em formação, a ambivalência de aprender através do livro de artista ou de produzi-lo como material didático coloca os envolvidos no processo de aprendizagem (aluno e professor) em similitude de investigação perceptiva.

Pode-se, assim, observar a abrangência das Tecnologias Assistivas para além de um excessivo pragmatismo, carente de vivências outras que sensibilizem educandos e educadores para possibilidades novas de construção e transformação do processo de aprendizagem. A expressão e contato com as artes podem ser ressignificados dentro das mais diversas possibilidades fora do que é convencionado e normativizado, refeitos dentro de visões antes ignoradas ou submetidas a mera mecanicidade da “realização de tarefas”.

O sensível e o cognitivo, quando da escolha de como o objeto de criação tomará forma, passa por consideráveis habilidades e investigação técnica. O papel do professor é de provocador do interesse dos alunos, exige maleabilidade e repertório criativo e dialógico.

São indispensáveis o conhecimento das formas de comunicação/interação adaptadas para pessoas com deficiência e ter caminhos opcionais no caso de dificuldade de aceitação. Compreendendo que a validação dos instrumentos pedagógicos precisam acontecer com o público alvo, esse procedimento, apresentado como investigativo, atendeu parcialmente suas expectativas.

2. DESENVOLVIMENTO

Concentrar a experiência de uma educação inclusiva em aulas de teatro significa compor, com os envolvidos, um acesso à sensível habilidade de estudar e criar simultaneamente. O objetivo geral na disciplina Teatro e Inclusão se propunha a problematizar acerca de alguns conteúdos de teatro e a linguagem inclusiva.

Inicialmente alguns conteúdos eram apresentados com referências diversas (texto, vídeo, rede social, testes) e se desenvolviam a partir de debates, questionamentos e até relatos orais que compunham o andamento das aulas e nutria o que culminaria no procedimento de avaliação final da disciplina.

O engajamento dos discentes faz parte de uma das diretrizes didáticas do DUA conforme apresentado por Sebastián-Heredero (2024) que evidencia o benefício de poder fazer escolhas com a oferta diversificada de meios de acessar e processar as informações. Ainda que construídos coletivamente, é comum que a auto percepção seja motivada e acompanhada e os produtos/resultados espelhem tanto o individual, como o conjunto de colegas de uma turma, como sujeitos colaboradores. Também foi considerada a importância da validação do público-alvo (pessoas com deficiência) neste processo disciplinar, porém as instituições com quem contávamos encerraram seu período letivo antes do previsto na universidade. A alternativa adotada foi a de solicitar a apreciação da exposição final por técnicos do Atendimento Educacional Especializado do Núcleo de Ações Inclusivas - NAIPD do campus, que tanto puderam questionar como apontar possíveis desdobramentos do uso/forma livro de artista. Apenas uma das alunas teve sua criação experimentada em sala com seus alunos (será tratado no próximo tópico).

O livro, tal qual o conhecemos de modo comum, é rodeado de um status que pode se expandir para quem o cria. Mas a ideia de ser um instrumento de informação traduz muito do potencial pedagógico que segue sendo atribuído ao livro de artista, pois para além dos que são produzidos por profissionais de arte ou que por contágio adquirem essa associação, eles podem ser o exercício de uma escrita diversificada em seu material, forma e conteúdos. Ele pode ter um formato de um cartão artesanal e adensar uma informação intelectual ou ser sutil; pode ser a reunião de poemas ou cartas de uma pessoa ou pessoas, uma arte escultórica, um acervo sensorial.

O fato de dar-se à leitura é um princípio, mas nesse recorte que apresentamos o propósito era estruturar um conteúdo de teatro, vislumbrar um público alvo (com deficiência ou neurodivergência específica) e produzir considerando formas de acesso estudadas ou feitas em consulta a uma pessoa diretamente interessada.

Foram apresentados livros em formatos diversos: táteis; dobráveis; com colagens; infantis; com jogos e referências de alguns artistas na intenção de estimular, gerar curiosidade. Outras experiências de cena foram consideradas como leituras de artigos e vídeos sobre a temática; autodescrição; audiodescrição e tradução em LIBRAS consecutivas (durante a ação cênica).

Na questão da materialização do livro, uma aula sobre livro pop-up¹ serviu como elemento lúdico e uma vez mais instigador de pesquisas. A variação da forma se enquadra dentro do que pode ser entendido enquanto Comunicação Alternativa, uma das áreas da Tecnologia Assistiva, sendo das mais importantes enquanto via complementar, suplementar, ou que ainda pode oferecer alternativas para que o processo comunicativo aconteça.

Esses parâmetros entre Arte e Comunicação não indicam que tais áreas andam, de maneira alguma, em âmbitos paralelos uma à outra. Para o universo de Pessoas com Deficiência a multiplicidade dos meios comunicacionais confirmam a importância da diversidade de meios para que haja possibilidade de expressões originais e com riquezas de camadas, de sentidos, de singularidades autorais.

Souza (2000), traz que a comunicação é atividade inerente ao ser humano independentemente do contexto e por mais diferenciado que ele o seja. Como dito anteriormente, as Tecnologias Assistivas expõem as infindas possibilidades dentro de processos relativos à interação humana, possibilidades essas melhor expressas no âmbito artístico, posto que este vê-se quase ilimitado em sua capacidade de reinterpretar a realidade circundante. O livro de artista exemplifica com clareza o que traz Souza. Houve, notoriamente, um reaproveitamento criativo de materiais outrora facilmente descartáveis na construção de narrativas que podem ser verdadeiramente sentidas, às vezes recriadas no imaginário dos estudantes a quem seriam apresentados os livros. A escolha dos referidos materiais foi feita, inclusive, pensando-se no aspecto da tangibilidade; como diferentes texturas que poderiam ser interpretadas, sobretudo por estudantes que são pessoas com deficiência, além das possibilidades lúdicas de escolhas, cores, formas e sensorialidades envolvidas no processo de confecção ou leitura. Isso porque o *livro de artista* tanto pode ser feito pelo docente ou ser criado com os alunos.

3. RESULTADOS

Foram produzidos quatro *livros de artista* no período final das 60 horas de aula, aqui apresentados com a devida autorização do e das discentes.

Livro de artista em forma de caixa de maquiagem (Figura 1): feita de papelão, forrado de E.V.A. em formato de livro grande fechado. Continha um espelho que poderia ser fixado em um ponto alto da “capa”, porções pequenas de maquiagem em 3 cores. Fotos de referência. Pincéis e esponjas. Em bilhetes curtos e com linguagem simples o passo-a-passo da maquiagem era orientado. Objetivo:

1 Livro de papel que tem efeito tridimensional ao ser aberto, devido a formas estruturadas nas duas páginas.

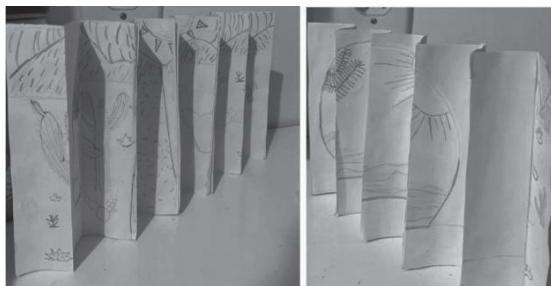
Propor autonomia e valorização da autoestima e criatividade. Público-alvo: pessoas surdas jovens e adultas.

Figura 1 - criação de Maria S. Ferreira Neta



Livro de artista em forma de leque (Figura 2): feita em papel ofício com dobras, quando olhado do lado direito apresentava nas dobras visíveis daquele ângulo uma paisagem praiana, no outro lado uma paisagem da caatinga (sertão). Objetivo: estimular curiosidade e assuntos sobre os elementos da cena como calor, lugar de moradia e lugar de lazer. Público-alvo: crianças com TEA e D.I.

Figura 2 - criação de Umberd Costa Santos



Livro de artista com elementos de cultura tradicional (Figura 3): feito com papel grosso forrado com xitão (tecido comum em adornos juninos) em formato de duas grandes folhas de um livro. Ao abrir era possível tatear flores em alto relevo, encontrar um envelope com letras de músicas, fotos de um grupo de reizado, mini instrumentos de brinquedo. Objetivo: Estimular jovens e adultos a interagir a partir destes elementos característicos dos ternos de reis e fazerem trocas culturais lúdicas e proporcionar que pessoas com diferentes deficiências

acessassem, mediados uns pelos outros. Público-alvo: deficiências diversas, diversas idades.

Figura 3 - criação de Cledson Almeida dos Santos



Os relatos acima se circunscrevem à experiência dos docentes em formação (licenciandos) e foi avaliado como promissor pelos técnicos de AEE que apreciaram o objetivo e a argumentação de cada um. Detalhes de aprimoramento ou maior simplificação na linguagem escrita; dinâmica de introdução a possíveis alunos foram as sugestões apontadas. Em todos os casos atestaram a capacidade de motivar o envolvimento e apreciação sensível dos envolvidos. Abaixo o único em que a experiência se concretizou em ambiente de ensino.

Um *livro de artista* em forma de kit de múltipla escolha (Figura 4): reaproveitamento de um organizador transparente (similar a uma sapateira que pode ser presa à parede, porém com espaço para colocar algo bem menor), cada espaço tinha um número que poderia ser de 1 a 100. Foi usado apenas 20. Em cada espaço há objetos diversos (vidro de esmalte; borracha; clip...). Os alunos poderiam falar um número e teriam que descrever o objeto aos colegas sem falar o que era (ex. clip: “fio de metal dobrado em várias partes”). Objetivo: ampliar repertório de palavras e exercício comunicacional. Público-alvo: pessoas com TEA; TDAH e D.I. Experiência: A docente em formação pode aplicar em uma turma de alunos de uma ONG e se mostrou dinâmica; instigadora e envolveu todos os alunos entre narrar os objetos e tentativas de adivinhar ou objeto ou sua função.

Figura 4 - criação de Thamires A.L. Hull Santana



4. CONCLUSÕES

O presente relato expôs, a priori, que, para além do que é entendido pelo senso comum enquanto metodologia de ensino e práticas de aprendizagem de cursos de Teatro, como participação em peças. Há, sobretudo, um aspecto multidisciplinar latente o qual precisa ser considerado. A proposta da construção dos *livros de artista*, consegue, com tranquilidade, estabelecer o diálogo entre educação artística e tecnologias assistivas ao orientar a prática da construção de ferramentas de ensino que viabilizam o contato dos estudantes com as artes através do uso de materiais de baixo custo, também expondo a riqueza de possibilidades de trabalho, muitas das vezes, por vias mais acessíveis e que melhor dialogam com as vivências de muitos alunos.

Como dito anteriormente, a utilização de materiais de baixo custo, torna a construção e subsequente uso dessas tecnologias de comunicação mais viável para os estudantes posto que dialogam mais facilmente com aspectos práticos da vida destes. Ora, o uso de texturas já conhecidas, no caso, por exemplo, de estudantes com deficiência, viabiliza a elaboração e interpretação de determinados conceitos presentes na realidade do mesmo. Dentro de suas especificidades, pode-se também, considerar a aplicação destas tecnologias nas vivências de estudantes dentro do TEA, cujas percepções, muitas das vezes requerem o acesso a analogias mais concretas e às quais estes possam visualizar. Ademais, sendo materiais mais facilmente acessíveis, também se torna viável e muito mais abrangente o trabalho dos professores em sala de aula.

O entendimento dos processos de ensino e aprendizagem mediante diálogos interdisciplinares é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho mais assertivo dentro das Tecnologias Assistivas, vale também ressaltar a importância da formação contínua dos professores na Educação Especial. O interesse dos mesmos por metodologias educacionais que busquem abarcar também os

estudantes que sejam pessoas com deficiência ou neurodivergentes e a fuga das chamadas “zonas de conforto”, as quais impactam negativamente o processo educacional, em muito auxilia na desconstrução de noções excessivamente simplistas acerca do que significa, por exemplo, a disciplina e os cursos de Teatro. A partir disso, abre-se a possibilidade da elaboração constante de tecnologias cada vez mais refinadas, mas que ainda assim, não precisem escapar as esferas de vivência prática tanto de discentes quanto de docentes.

REFERÊNCIAS

- BRITTO, Ludmila.S..R N. A. A poética multimídia de Paulo Bruscky. 2009. 214. Programa de Pós-Graduação em Artes visuais da UFBA Salvador, 2009.
- SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLgv5C/#>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- SILVEIRA, P. Definições e indefinições do livro de artista. In: *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, pp. 25-71. Acesso em 08 abr. 2025.
- SOUZA, L.V. Caracterização da comunicação alternativa: um estudo entre alunos com deficiência física em escolas de uma região do município do Rio de Janeiro. 2000. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA, Carolina. Deficiência em cena: a ciência excluída e outras estéticas. Natal: Offset, 2021.